

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL

Deyvison Dias Gomes^{*1} (IC), Glauber Lopes Xavier² (PQ).

1 Bolsista PIBIC/UEG. CCSEH. E-mail: diasgomes.ddg@gmail.com

2 Professor efetivo no curso de Ciências Econômicas da UEG. CCSEH.

Resumo: Neste artigo serão discutidas as contribuições da TMD (Teoria Marxista da Dependência), enquanto referencial teórico, para o estudo e apreensão do capitalismo latino-americano. Para esse objetivo trabalha-se de maneira sucinta os principais conceitos esboçados por essa vertente da teoria marxista, a saber, o conceito de padrão de reprodução do capital e o padrão exportador de especialização produtiva, a definição de dependência e superexploração da força de trabalho, como se dá transferência de valor entre as economias no mercado mundial e outros. A TMD recupera as contribuições de Marx em O Capital e aplica esse conhecimento na apreensão do capitalismo latino-americano, destacando as especificidades e contradições de sua formação e dinâmica dentro de um contexto amplo, a saber, o capitalismo mundial.

Palavras-chave: TMD, Padrões de Reprodução do Capital, Padrão Exportador de Especialização Produtiva.

Introdução

A proposta de se estudar as bases da formação e as características do capitalismo latino-americano é um tanto complexa, primeiro porque se trata de um capitalismo sui generis, com suas especificidades tanto do ponto de vista da sua formação quanto do ponto de vista do seu desenvolvimento ao longo da história, segundo porque exige do pesquisador rigor metodológico que o permita apreender as bases desse capitalismo “peculiar” na sua totalidade.

É com essa proposta que nasce a chamada Teoria Marxista da Dependência, ou simplesmente, TMD. Diante do desafio de se apreender o capitalismo latino-americano na sua totalidade, essa vertente teórica da dependência, toma uma posição ortodoxa tendo a Teoria do Valor de Marx como o seu núcleo, sem se

desviar para outras vertentes teóricas que não incorporam a perspectiva da luta de classes como centralidade ou que mesclam teorias marxistas com ideias de inspiração Keynesiana ou Weberiana. A TMD propõe a abordagem do Padrão de Reprodução do Capital que combina os esquemas de reprodução, o processo de valorização da capital, trabalhados por Marx, e os problemas da economia e da vida da população submetida ao capitalismo mundial hierarquicamente diferenciado.

O objetivo deste trabalho é discutir as contribuições da TMD, enquanto referencial teórico, para o estudo e apreensão do capitalismo latino-americano na sua totalidade, sua formação e características, para isso faz-se necessário discutir e esclarecer os seus principais conceitos. A definição de dependência, padrões de reprodução, superexploração da força de trabalho, como se dá transferência de valor entre as economias no mercado mundial, definições inspiradas em conceitos, trabalhados por Marx em O Capital, que também serão discutidos e apresentados neste trabalho.

Material e Métodos

No tocante ao método, o trabalho se desenvolve com base no materialismo histórico, primando pelo método dialético tendo suas bases definidas por Marx (1985). Quanto aos procedimentos metodológicos, o trabalho vale-se pesquisa bibliográfica.

Resultados e Discussão

A Teoria Marxista da Dependência

A TMD nasce num cenário de decadência da ideologia nacional-desenvolvimentista, amplamente defendida pela teoria cepalina do desenvolvimento na década de 1950, baseada na visão de mundo dos segmentos mais progressistas da burguesia industrial. Para Adolfo Wagner (2009) o nascimento da TMD marca o esforço de uma reflexão acerca das mudanças na estrutura socioeconômica da América Latina que se processam a partir dos anos 1930 e que se acentuam no pós-guerra, essas mudanças, segundo o autor, seriam o resultado da internacionalização dos mercados internos dos países latino-americanos. A TMD, portanto, surge num

momento em que as teorias cepalinas do desenvolvimento e as teorias da modernização, esbarram em suas próprias limitações e, diferentemente das teorias anteriores, parte de uma nova perspectiva que toma o capitalismo como um sistema mundial, não considerando o desenvolvimento como etapas, mas como realidades distintas e contrapostas estruturalmente, vinculadas uma a outra, como ressalta Wagner.

A TMD, como o próprio nome sugere, faz uma interpretação marxista da dependência tendo o marxismo como a base teórica de seus trabalhos. Entre os autores que compõem essa corrente do pensamento destaca-se: Ruy Mauro Marini, Jaime Osório, Theotonio dos Santos, Vania Bambirra, Andre Gunder Frank, Orlando Caputo e Roberto Pizarro, entre outros. A TMD nasce na década de 1960 na América Latina como uma nova corrente marxista:

a- definindo a categoria *dependência* e suas formas históricas ou esferas fenomênicas, como a dependência comercial, financeira e tecnológica (Dos Santos); b- desvelando as leis próprias do capitalismo dependente, em especial a supereploração da força de trabalho, a transferência de valor e a cisão entre as fases do ciclo do capital (Marini); c- estabelecendo os nexos entre a dependência e a teoria marxista do imperialismo e discutindo metodologias para o estudo da transferência de valor no mercado mundial (Caputo e Pizarro); d- Pensando as diferenciações entre as formações econômico-sociais do capitalismo dependente latino-americano (Bambirra). (FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 12)

Em essência a TMD é uma *teoria* que tem como fundamento teórico o materialismo dialético, portanto *marxista*, e toma a perspectiva da *dependência* enquanto uma “situação em que um certo grupo de países [dependentes] tem sua economia, condicionado pelo desenvolvimento e expansão de outra economia [dominante] à qual sua própria está submetida (SANTOS, 2000, p. 379).

O Ciclo do Capital na Economia Dependente

No estudo da economia latino-americana é extremamente importante a discussão de como se dá o ciclo do capital para, com base nas formulações de Marx sobre a dialética entre produção e circulação, compreender as especificidades do ciclo do capital na economia dependente. Em essência o modelo do ciclo do capital de Marx ($D - M \dots P \dots M' - D'$) descreve o movimento pelo qual o dinheiro assume a forma de mercadorias (meios de produção e força de trabalho) na primeira fase da circulação ($D - M$), para dar curso a um processo de produção, do qual resulta valores de uso (mercadorias) que devem transitar pela segunda fase da circulação

(M' - D') para que o capital recupere a forma dinheiro. A fase da produção (... P...) nada mais é que um processo de valorização, ou seja, criação de valor novo.

Com base no modelo do ciclo do capital de Marx, Marini (2012) estuda o caso das economias dependentes latino-americanas. Quanto à primeira fase de circulação o autor destaca três fontes do capital dinheiro que inicia o ciclo nessas economias: 1º o capital privado interno, ou seja, a parte do mais-valor gerado no interior da economia que se apresentam para acumular sob a forma de meios de produção e força de trabalho; 2º o capital estatal, ou o investimento público, aqui Marini ressalta o peso do investimento público na economia dependente dada a capacidade que o Estado tem de transferir para si parte do mais-valor gerado pelo capital privado, além de produzir ele próprio mais-valor e também de captar parte do capital variável dos salários pagos à força de trabalho; 3º o capital estrangeiro que se apresenta tanto na forma de investimento direto (construção de fábricas, filiais e outras) quanto na forma de investimento indireto (na forma de empréstimos, financiamentos e outros). Quanto à fase de produção Marini destaca as principais características que ela assume na economia dependente, a saber, o processo de monopolização precoce e concentração por meio do mecanismo do lucro extraordinário que, por sua vez, é viabilizado pela superexploração dos trabalhadores. A superexploração do trabalhador se dá por meio do aumento deliberado por parte dos capitalistas da intensidade do trabalho, prolongamento da jornada de trabalho e rebaixamento dos salários dos trabalhadores que diante da tendência do capitalismo de criar exércitos de reserva vêm evaporar sua capacidade reivindicatória frente ao capital. Quanto à segunda fase da circulação, Marini destaca que enquanto circula sob a forma de mercadoria o capital apresenta três categorias fundamentais: 1º bens-salários ou bens de consumo necessário; 2º bens de consumo suntuário; 3º bens de capital. A característica aqui apontada por Marini é a de que a economia dependente prolonga sua produção de bens de consumo em função da oferta externa de bens de capital à qual pode recorrer, “a importância dos bens de consumo na segunda etapa de circulação é maior em uma economia dependente do que em uma economia central” (MARINI, R. M. In FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 33), a contradição consiste que em função da superexploração do trabalho, que implica na remuneração do trabalho abaixo de seu valor, haja subconsumo nessas economias restringindo a possibilidade de realização desses bens. A “limitação do mercado, além de influir sobre o aparato produtivo,

tende a deslocar parte da circulação de mercadorias em direção ao mercado mundial através da exportação. Para isso concorre de modo determinante o fato de que a massa de mais-valia gerada não permanece integralmente no país, pois parte dela é transferida ao exterior” (MARINI, R. M. In FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 34).

Nas economias centrais o consumo individual dos trabalhadores apresenta-se como elemento importante na criação de demanda para as economias produzidas, sendo de acordo com Marini uma das condições para que o fluxo da produção se resolva adequadamente no fluxo da circulação, todavia

Na economia exportadora latino-americana, as coisas se dão de outra maneira. Como a circulação se separa da produção e se efetua basicamente no âmbito do mercado externo, o consumo individual do trabalhador não interfere na realização do produto, ainda que determine a taxa de mais-valia. Em consequência, a tendência natural do sistema será a de explorar o máximo a força de trabalho do operário. (MARINI, R. M., 2000, p. 134)

O Conceito de Padrão de Reprodução do Capital

O capitalismo é mais do que um processo de produção de mercadorias, ele é, por excelência, um processo de reprodução do capital. Outro importante conceito trabalhado pela TMD é o conceito de Padrão de Reprodução do Capital. De acordo com Jaime Osório (2012) a noção de padrão de reprodução do capital surge para dar conta das formas como o capital se reproduz em períodos históricos específicos e em espaços geoterritoriais determinados, tanto no centro como na periferia ou em regiões no interior de cada uma delas, considerando as características de sua transformação nas passagens pelas esferas de produção e circulação, integrando o processo de valorização e sua encarnação e valores de uso específicos. Com o objetivo de apreender a totalidade dos fenômenos a categoria de padrão de reprodução do capital busca historicizar a reprodução do capital, o que implica, por sua vez, compreender as condições que tornam possível a ascensão e o auge de um padrão, bem como seu declínio e crise e, paralelamente a isso, os períodos de transição em que um padrão antigo não acaba de desaparecer ou se constituir enquanto padrão subordinado, ao passo que o novo padrão não atinge amadurecimento a ponto de converter-se em padrão dominante.

De acordo com Osório a historicização dos padrões de reprodução deve se dar em uma dupla dimensão: 1º ela deve responder às razões que tornam

necessário que o capital se valorize assumindo determinadas encarnações em valores de uso específicos em momentos determinados, o que gera formas capitalistas diversas; 2º observar os processos que exigem a emergência, o auge e o declínio de determinado padrão de reprodução do capital, assim como a emergência e o amadurecimento de um novo, com seu ciclo de auge e posterior declínio e crise, em todos esses processos há razões econômicas que também são políticas, são projetos de classe de determinados setores do capital. “Essa dupla historicização da reprodução nos permite contar com melhores ferramentas para compreender a dinâmica dominante, econômica e política, em termos específicos, e o terreno em que se desenvolvem os conflitos classistas” (OSÓRIO, J. In FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 46).

Aplicando a noção de padrão de reprodução do capital no estudo da América Latina, Osório enumera 5 padrões-eixos da reprodução do capital na região desde sua etapa de independência, são eles: o padrão agromineiro exportador que abrange até a segunda do século XX; em seguida tem-se uma etapa de transição que abrange a primeira metade dos anos 1930; dá-se o período industrial que abrange a segunda metade dos anos 1930 e conta duas subetapas, a etapa internalizada autônoma que abrange até os anos 1940 e a etapa de integração ao capital estrangeiro que parte dos anos 1950; em seguida tem-se uma nova etapa de transição que parte de meados dos anos 1970 e vai até os anos 1980 e por fim tem-se o padrão exportador de especialização produtiva que parte dos anos 1980 e se estende até o presente.

Pode-se observar que traços do padrão primário-exportador atravessam a reprodução do capital na região desde o século XIX até nossos dias, no século XXI. Na primeira etapa, como padrão dominante; posteriormente, com tais traços subordinados aos novos padrões existentes, readequando-se às novas condições. Assim ocorre no México [por exemplo], que segue exportando prata, petróleo e hortaliças, em plena marcha do padrão exportador de especialização produtiva, com automóveis, aparelhos de televisão, motores de combustão interna etc. (OSÓRIO, J. In FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 78)

Como ressalta o autor não significa que com a transição um padrão deixa de existir na história da região, mas passa a se subordinar a um novo padrão sob novas condições, nessa perspectiva os traços do padrão primário-exportador marca a história econômica da América Latina como um todo.

Em essência a noção de padrão de reprodução se torna um referencial imprescindível na medida em que privilegia a visão geral sem perder de vista o

significado das particularidades, em outras palavras, estabelecendo mediações entre os níveis mais gerais de análise, como, por exemplo, o modo de produção capitalista e sistema mundial, e os níveis menos abstratos ou histórico-concretos, como a formação econômico-social e conjuntura. Essa noção leva em conta, portanto, que o capital assume diversas formas em diferentes momentos readequando-se às mudanças no sistema mundial e na divisão internacional do trabalho reorganizando a produção sobre novos eixos de acumulação.

O conceito da Superexploração

Para Amaral e Carcanholo (2012) a superexploração da força de trabalho é a característica estrutural que demarca a condição dependente de um país e ela se dá em função da existência de mecanismos de transferência de valor entre as economias periférica e central que levam o mais-valor produzido na periferia a ser acumulado no centro.

A transferência de valor entre as economias se dá em virtude da diferença de produtividades entre o centro e a periferia. Em essência, os países periféricos (menos produtivos) produzem mais valor por incorporarem capital variável no processo produtivo, em contrapartida os países centrais (mais produtivos), por incorporarem menos capital variável e mais capital constante no processo produtivo, devido alta composição orgânica do capital, produzem menos valor. No plano da apropriação, segundo Amaral e Carcanholo, o processo tendencial se dá de forma inversa. Os países periféricos, embora produzam mais valor, devido maior incorporação de trabalho vivo, não se apropriam dele, pois são incapazes de produzir mercadorias com valor individual abaixo do valor de mercado, esses países são, portanto, incapazes de reduzir o tempo socialmente necessário para produzir suas mercadorias. Por outro lado os países centrais, embora produzindo menos valor, garantem maior apropriação devido a maior produtividade do seu processo produtivo e conseguem produzir com um tempo socialmente necessário abaixo da média, estando assim suas mercadorias abaixo do valor de mercado.

Esse é o mecanismo que permite a transferência de valor da periferia para o centro provocando uma espécie de interrupção da acumulação interna de capital nos países dependentes que precisa ser compensada e, segundo Marini (2000), essa compensação não se dá no nível das relações de mercado, mas no nível da produção, baseada na superexploração do trabalho. De acordo com Marini a

superexploração se dá por três mecanismos: a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho.

O Padrão Exportador de Especialização Produtiva

Com o fim do projeto de industrialização nas economias latino-americanas dá-se início um novo padrão exportador de reprodução do capital, que, por sua vez, se caracteriza pela especialização produtiva. Para Osório esse novo padrão exportador apresenta diferenças em relação ao padrão agromineiro exportador principalmente pelo maior grau de elaboração de muitos dos bens exportados e de semelhante mantém como característica o peso dos bens agromineiros no total das exportações, aos quais se somam agora alguns bens secundários. Em outras palavras, o que se tem na América Latina “são novas formas de organização reprodutiva que reeditam, sob novas condições, os velhos signos da dependência e do subdesenvolvimento” (OSÓRIO, J. In FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M., 2012, p. 104).

Ao aplicar o conceito de padrão exportador de especialização produtiva em cinco economias latinas americanas (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México), Jaime Osório observa uma característica importante que é a precarização das condições laborais e de vida da maioria da população na região, segundo o autor, essas condições estão ligadas à própria natureza do novo padrão exportador de especialização produtiva. Isso se dá, primeiro, porque para essa nova modalidade de reprodução o mercado dos assalariados locais não constitui um elemento relevante, uma vez que grande parte da produção é destinada ao mercado externo; segundo, porque a capacidade de concorrência desse padrão nos mercados externos reside na depreciação de tudo que culmine em elevar o custo do trabalho, como benefícios sociais diversos. Em outras palavras, aqui os trabalhadores interessam como produtores, não como consumidores, uma vez que as estruturas produtivas estão divorciadas das necessidades da população trabalhadora nesse padrão.

Em essência pode-se dizer que o padrão exportador de especialização produtiva: é um padrão de reprodução (ampliada) do capital, ou seja, a maneira como se dá a reprodução do capital; é exportador, porque está voltado para a realização e

acumulação no mercado externo e é de especialização produtiva, pois se especializa em determinados eixos da produção.

Considerações Finais

Ao se estudar as bases da formação e as características do capitalismo latino-americano é imprescindível um referencial teórico que dê conta desse desafio. Em outras palavras, é desejável uma teoria que seja capaz de apreender a totalidade dos fenômenos, mas sem perder de vista o significado das particularidades, estabelecendo, assim, mediações entre os níveis mais gerais (modo de produção capitalista, sistema mundial), e os níveis menos abstratos ou histórico-concretos (formação econômico-social e conjuntura).

Nesse sentido a TMD contribui sobremaneira, uma vez que recupera as contribuições de Marx em *O Capital* e aplica esse conhecimento na apreensão do capitalismo latino-americano, destacando as especificidades e contradições de sua formação e dinâmica dentro de um contexto amplo, a saber, o capitalismo mundial.

Concluído o trabalho de se criar um referencial teórico com base na TMD, apresentando seus precursores e discutindo seus principais trabalhos e conceitos, tem-se, finalmente, um referencial que será fundamental ao desafio de apreensão do capitalismo latino-americano em sua totalidade.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

Referências

FERREIRA, C. OSÓRIO, J. LUCE, M. (Org). **Padrão de reprodução do capital:** Contribuições Para a Teoria Marxista da Dependência. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **O Capital:** Crítica da Economia Política. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARINI, R. M. **Dialética da dependência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Theotonio Dos. **A Teoria da Dependência**: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WAGNER, Adolfo. Ruy Mauro Marini: Uma interpretação Marxista do Capitalismo Dependente. **Revista em Pauta- UERJ**. Rio de Janeiro, n. 22, p. 59-75, 2009.